

Já na era da internet, ocorreu o estouro da bolha das empresas “ponto.com” entre 1999 e 2000, quando 9 de cada dez empresas de internet dos Estados Unidos foram à falência, causando prejuízos bilionários no mercado financeiro norte-americanos. Nesta época a interligação e interdependência entre os mercados financeiros gerou impactos imediatos em diversas outras economias, contudo, a crise das empresas de internet foi pontual e restrita a algumas empresas e instituições financeiras e, portanto, o estouro da bolha não foi capaz de afetar o lado real da economia americana e mundial.

As bolhas sempre existirão e o capitalismo está sempre em busca da próxima bolha, como diria Keynes, o “mercado tem memória curta”, as tulipas deste final de década são os derivativos dos títulos de dívidas das hipotecas imobiliárias americanas, um ativo um pouco mais sofisticado que um bulbo, mas um ativo que tem seu preço comportando-se igualmente ao do bulbo da linda flor.

Americanos ricos, de classe média, remediado, latinos, chineses, albaneses e tantos outros pobres na América, viram a oportunidade de obter um teto pelo Sistema Financeiro da Habitação privado da terra do Tio Sam, pois o crédito barato e acessível a todos era um convite irresistível, levando a exacerbada demanda por imóveis e a inevitável elevação dos seus preços, até o ponto no qual o preço não estava mais associado ao ativo, mas à rentabilidade financeira da compra e da venda.

Quem havia financiado uma casa pequena viu o preço de sua residência dobrar em pouco tempo e a oportunidade de lucrar com isso, vender o imóvel e dar o valor de entrada em outro, maior e melhor, ou simplesmente, refinanciar o mesmo imóvel para embolsar uma grana, comprar uma nova caminhonete, curtir férias esplendorosas em algum paraíso tropical e ariscar uns trocados nos cassinos da cidade luz.

Os imóveis americanos viraram tulipas e os americanos fizeram do mercado imobiliário uma fonte de recurso, elevando o grau de endividamento na economia, o que definiu um economista expert em crises financeiras, Himan Misky, como uma situação na qual os agentes se endividam para rolar dívidas, uma situação Ponzi².

Os bancos que financiam imóveis nos Estados Unidos relaxaram ainda mais suas exigências para conceder financiamentos de imóveis, concedendo, em troca de taxas de juros mais altas, financiamentos a indivíduos que não tinham condições financeiras favoráveis, chamaram estas linhas de crédito de “subprime”, fizeram isto porque o risco do calote nestes financiamentos podia ser repassados a outras instituições financeiras por meio de securitização das dívidas ou recebíveis.

Um contrato imobiliário gera outro de securitização, um associado ao outro, no caso de não pagamento das prestações da casa própria o banco financiador não levaria o calote. Uma inovação financeira com o propósito de garantir a saúde financeira dos bancos, mas que aumentou a exposição ao risco de outras instituições financeiras, pois cada contrato de securitização pode gerar ativos financeiros denominados derivativos, estes derivativos são emitidos e vendidos nos mercados futuros, bolsa de futuros, onde compradores e vendedores estão interessados em assumir ou

² Ponzi aplicou o golpe da pirâmide nos Estados Unidos na década de 1930. Este golpe consiste em convencer pessoas a aplicar dinheiro em um negócio que remunera rápido e em altas taxas, pois o ganho vem do investimento de um número crescente e exponencial de pessoas no negócio, os que aplicam primeiro ganham o dinheiro dos que entram depois. Lógico que os que entram mais tarde dificilmente terão algum ganho e muito provavelmente perderão o que aplicaram. Este golpe levou a um convulsão social na Albânia no ano de 1997.

repassar riscos da variação do preço, cotação, de um ativo.

Além dos contratos de securitização, os bancos financiadores de imóveis emitem também papéis denominados de Direitos Creditórios, estes papéis servem para captar recursos no mercado de capitais para sustentar o ritmo das concessões de financiamento. Assim, com base nas dívidas a receber dos mutuários, os bancos também emitem papéis de dívidas próprios para captar mais recursos. Estes títulos de direito creditórios tem variação de cotação, logo, também geram derivativos para repassar o risco da flutuação de suas cotação ao longo do tempo.

Logo, uma transação simples, a compra de uma casa, criou uma ciranda financeira complexa que funcionou muito bem enquanto os preços dos imóveis estavam crescendo e os mutuários em dia com suas prestações. Contudo, a superinflação dos preços dos imóveis, resultou no inevitável estouro da bolha imobiliária em 2007. Como no caso das Tulipas, os preços não sobem para sempre e, no caso de bolha, quando param de subir eles desabam.

A queda dos preços dos imóveis poderia ser um ajuste de preços em mercado pontual, contudo, os preços das casas dos americanos estão na base de uma pirâmide financeira que envolve diversas instituições financeiras das principais economias do mundo, desde os bancos hipotecários, envolvendo as seguradoras, até os fundos de pensões, nos mercados futuros e à vista.

A crise financeira atual, que se iniciou em 2007 e resiste a pelo menos um ano, é uma crise financeira similar a das tulipas do século XVII, o que a diferencia é a complexidade do mercado financeiro atual, que por meio das inovações tecnológicas e financeiras envolve um número imensamente maior de agentes.

Assim como a crise das tulipas e a grande depressão geraram impactos na economia real, elevando o desemprego, causando a falência de inúmeras empresas, perda de fortunas pessoais, queda no consumo e nos investimentos, esta crise também repercute na economia real e seus efeitos estão distribuídos por diversos países e com intensidade variada.

Por outro lado, uma crise sempre provoca intervenções e ajustes no sistema financeiro, que limitam a atuação dos agentes, tornando mais restritivo a comportamento de risco, contudo, conforme o tempo passa, as perdas são recuperadas, a crise anterior vai se dissipando na memória dos agentes, um novo momento de crescimento econômico e a descoberta de um novo ativo “precioso” levará ao relaxamento das precauções e à inovações financeiras que conduzirão à formação de uma nova bolha financeira e à nova crise.

A JANELA ECONÔMICA é um espaço de divulgação das idéias e produção científica dos professores, alunos e ex-alunos do Curso de Economia das Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba.

- Cada artigo é de responsabilidade dos autores e as ideias nele inseridos, não necessariamente, refletem o pensamento do curso.

- O objetivo deste espaço é mostrar a importância da formação do economista na sociedade.